

MORADA: QUANDO A RUA SE TORNA CASA ETNOGRAFIA E MUSEALIZAÇÃO DE OBJETOS PERTENCENTES À PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

ESTEFANI BILHALVA LEITZKE¹; GUILHERME RODRIGUES²; DANIELE
BORGES BEZERRA²; AMANDA MEDEIROS OLIVEIRA²; CLAUDIA TURRA
MAGNI³

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – estefanileitzke@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – borgesfotografia@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - littlejoy@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – clauturra@yahoo.com.br*

INTRODUÇÃO

Este trabalho, vinculado ao projeto de pesquisa “Museu das Coisas Banais” (MCB), destina-se a apresentar o projeto de extensão intitulado “Morada sob as Estrelas: Carregar só o que vale a pena”, idealizado pela doutoranda Daniele Borges Bezerra e coordenado pela professora Claudia Turra Magni com o apoio do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS). O MCB, implantado em 2014, no âmbito do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas/RS, destina-se à musealização de memórias evocadas pelos objetos, através da constituição de um acervo digital composto por fotografias e narrativas escritas relativas aos objetos/ coisas fotografados. As imagens desses objetos, provenientes da livre participação das pessoas, passam a constituir o acervo museológico do museu virtual. Além da coleta virtual de objetos ordinários, o MCB pretende expandir sua abordagem de coleta e compartilhamento ao trabalhar com “pessoas em situação de rua”, algumas têm as estrelas como teto. A partir do registro fotográfico e oral junto à população em situação de rua na cidade de Pelotas, pretende-se ampliar a discussão sobre objetos afetivos, memoriais e biográficos, ao trazer à tona outras perspectivas sociais que envolvem a cultura material: consumo, acúmulo, reutilização, ressignificação, preservação, utilidade, simbolismo, memória e afetividade.

METODOLOGIA

As ações em campo deste projeto permeiam os conceitos de uma antropologia urbana, que teve como uma de suas precursoras, Colette Pétonnet, a qual lança a técnica de observação flutuante (Pétonnet, 2008) associado ao método etnográfico. Esta técnica de trabalho campo consiste em colocar-se à disposição, do outro, sem manter o olhar focado em algo específico, embora, ao mesmo tempo, atento para os sinais que emergem a todo instante. Esta técnica vem se complementar, em momentos distintos, à observação participante, termo cunhado por Bronislaw Malinowski (1978) e aprofundado por Foote White (1943), cujo propósito é o de observar e, simultaneamente, compartilhar as mesmas condições que o grupo estudado, trocar experiências, participar de suas atividades e conviver com ele, em seu universo existencial, por determinado período de tempo. Falar, ouvir, sentir e vivenciar: é a troca intersubjetiva entre pesquisador/a e sujeito pesquisado que diz respeito a esse procedimento metodológico, e que implica em observar, estar e interagir no local onde as ações

acontecem. Assim que procedemos no campo: apresentamo-nos aos nossos interlocutores, falamos sobre o projeto e conversamos informalmente com aqueles que encontramos em nossas andanças pela cidade. Em nosso primeiro contato, realizado de forma coletiva pela equipe de trabalho, foi assim que procedemos. Compartilhamos o banco da praça no qual encontramos um pequeno grupo de pessoas em situação de rua e deixamos o tempo passar: estivemos ali, presentes, junto àquelas pessoas, que dispuseram-se a falar, não apenas sobre suas vidas, mas sobre coisas, lugares, etc. Foi através de idas semanais àquele local, por volta do mesmo horário, que encontramos e estabelecemos vínculos com estes/as interlocutores/as.

A circulação dessas pessoas e a efemeride dos “grupos” é uma das características centrais deste universo de pesquisa, e desde o segundo encontro, percebemos que não iríamos encontrar sempre as mesmas pessoas. A circulação se faz presente por diversos motivos, o que de certa forma produziu na equipe de pesquisa um misto de emoções e curiosidade. Esse deslocamento pode ser visto pelo termo “nômades urbanos”, proposto por Claudia Magni (2006) em sua pesquisa de mestrado na cidade de Porto Alegre. Durante o pré-encontro, quando os/as pesquisadores/as caminhavam juntos em direção à praça, dividíamos nossas expectativas e frustrações em relação ao trabalho de campo. O sentimento de afecção (FAVRET-SAADA, 2005) havia nos tomado.

Ser afetado, nesse sentido, é se permitir envolver, atingir-se pelas intensidades, sentimentos, revoltas e desejos que animam os atores engajados em determinado coletivo social: é, no limite, desprender-se da constante posição analítica em campo, respaldada pela observação participante, e permitir-se assumir lugares múltiplos nos quais nossos interlocutores nos colocam, nos chamam a existir. (LEMÕES, 2015, p.30)

Os fundamentos epistemológicos de nosso trabalho de campo também são orientados pelas noções de olhar, ouvir e escrever, tal como proposto por Roberto Cardoso de Oliveira (1998), tendo em vista que as duas primeiras atitudes, treinadas pelas teorias que nos amparam, alinham-se e complementam-se ao esforço descritivo e analítico presente na escrita, baseada em nossa afecção e nossas observações. Por sua vez, nesse esforço descritivo, a escrita vem se articular à imagem, sem submetê-la. Para Milton Guran (1997) a imagem apresenta-se como um importante instrumento etnográfico, com implicações e repercuções prévias, concomitantes e posteriores ao trabalho de campo. É possível observar através da fotografia, por exemplo, elementos que não foram percebidos em campo, ou complementar o que a escrita etnográfica suprimiu ou não deu conta, evidenciando gestos, cores, formas, cenários e coisas indizíveis. No caso deste projeto, a fotografia - sempre calcada em preceitos éticos de autorização e esclarecimentos à pessoa fotografada – apresenta-se como resultado e expressão do encontro etnográfico: através dela obtemos a imagem, ou o “duplo” do objeto que será musealizado virtualmente, e ainda a complementação descritiva da pessoa/cenário/evento vivenciados em campo. É somente com muita precaução ética e sensibilidade à vulnerabilidade a que está sujeito este segmento social em especial, que a câmera é introduzida em campo, pois assim como promovemos positivamente a construção da imagem em determinadas ocasiões, podemos estar à mercê de suas repercuções negativas sobre as pessoas, dependendo das interpretações, sempre polissêmicas, que ela pode gerar partir do contexto e do olhar de cada espectador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a observação participante e flutuante, percorremos diversos lugares da cidade onde há recorrência de pessoas em situação de rua – como o Centro POP e o Sopão de Rua, a Praça Cipriano, o Mercado Público, a Praça Coronel Pedro Osório e a calçada frontal à agência do Banco do Brasil na Av. Bento Gonçalves - até ancorarmo-nos na Praça Dom Antônio Zattera. Neste universo privilegiado para o trabalho de campo com este segmento social, contatamos um grupo de aproximadamente cinco pessoas, com quem estamos desenvolvendo o atual projeto. Nem todos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa carregam objetos afetivos consigo, alguns trazem apenas a roupa do corpo. Os que os carregam, compartilharam conosco seus relatos sobre o(s) respectivo(s) item(s). O carrinho de mão que Seu Mario faz uso, criado por ele mesmo, por exemplo, é utilizado para carregar suas roupas. Outro de nossos interlocutor de mesmo nome, Mário carrega consigo um livro de Érico Veríssimo, de nome “Um lugar ao sol”. Diogo ofereceu-nos um livro de poesias de sua autoria. Para além dos objetos afetivos que as pessoas trazem consigo, o material empírico da pesquisa tem nos levado a pensar também nos lugares de afetividade frequentados por elas, onde a troca afetiva acontece e é permeada por ela. Os cães, fiéis companheiros da maioria das pessoas em situação de rua, também integram essas “coisas”, cenários e lugares afetivos em questão. Quando a rua se torna a casa, os objetos de apego são relativos. O banco da praça passa a ser o lugar de encontro. Pois são os encontros, humanos e não-humanos, a afecção a que estamos sujeitos e que provocamos, muitas vezes remoendo feridas abertas, que nos transformam e nos fazem relativizar nosso próprio lugar no mundo. Trata-se de uma relação de corte e sutura, de um devir em que todos levamos alguma coisa do outro, do encontro. Com as pessoas em situação de rua não seria diferente.



CONCLUSÕES

Esse trabalho possibilitou aprofundar nossa compreensão sobre a relação de afetividade que as pessoas em situação de rua têm com seus respectivos objetos, com o que trazem consigo. A partir da exibição dos resultados preliminares, acreditamos ser possível uma quebra de estereótipos relacionados a este segmento social. Os objetos que ganham, coletam, descartam ou preservam fazem parte do *ethos* de habitar a rua, que continuam sendo perpassados pelo afeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do Antropólogo**: Olhar, ouvir, empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: abril cultural, 2a Ed., 1978 (Introdução). escrever. In: O trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Dossier 1 Imagem. Anais do GT 26: Antropologia Visual e da Imagem. II Reunião de Antropologia do Mercosul. 1997

LEMÔES, T. . Da feitiçaria à luta por direitos. Qual o lugar dos afetos no trabalho etnográfico?. **Iluminuras** (Porto Alegre) , v. 16, p. 32-60, 2015.

MAGNI, C. T. **Nomadismo Urbano: Uma etnografia sobre moradores de rua de Porto Alegre**. EDUNISC, 2006 [1994].

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: abril cultural, 2a Ed., 1978 (Introdução).

PÉTONNET, Colette. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense**. *Antropolítica*, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, mar. 2005.

WHYTHE, W. F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.